

# Seção Vital Brazil

## Depoimentos Meu Pai

---

*Vital Brazil*  
*My father*

---

**Lael Vital Brazil<sup>1</sup>**

---

1.  
Filho de Vital Brazil Mineiro da Campanha e de Dinah Brazil, biografo de Vital Brazil e nasceu em Niterói em 13/02/1931.

---

Meu avô paterno, José Manoel dos Santos Pereira Júnior nasceu na Fazenda da Cachoeira, em Itajubá, em 12 de outubro de 1837, filho natural de José Manoel dos Santos Pereira, o *Capitão Pimenta*, e de Tereza Joaquina do Nascimento, este descendente direto, herdeiro dos colonizadores da região e um dos fundadores da cidade de Itajubá. Por mais de 15 anos, o *Capitão Pimenta* foi unido a Tereza Joaquina, não se casando por impedimento familiar que tradicionalmente ordenava o casamento dentro da família ou com herdeiro de família abastada.

Criado em ambiente de fartura, José Manoel (pai de Vital Brazil) ainda adolescente foi enviado para o Colégio dos Jesuítas do Caraça, em Congonhas do Campo, onde se distinguiu pelas peraltices sem deixar de fixar, contudo exemplos de virtude, de força de vontade e de retidão de caráter, que mais tarde veio a transmitir oralmente para seu filho Vital. De Congonhas do Campo, com breve passagem por Itajubá, foi José Manoel mandado para São Paulo, com matrícula no curso de Direito. Moço feito, bastante inteligente, de espírito irrequieto e inovador, mas com pouca disposição para o estudo,



Fotografia 1  
José Manoel dos Santos Pereira  
Junior (Pai de Vital Brazil)

se divertia, lia romances e livros de versos sem dar atenção ao curso de Direito. Cansado dos desatinos do filho, seu pai ordenou o seu regresso a Itajubá, e lhe impôs como castigo o cargo de capataz da tropa. Assim teve a oportunidade de fazer algumas viagens ao Rio de Janeiro e São Paulo, quando travou os primeiros contatos com o comércio nestas cidades e ganhou experiência na condução da tropa tornando-se grande conhecedor das trilhas e caminhos do sul de Minas Gerais.

Foi nessa condição, que em uma dessas viagens, na Fazenda Boa Vista nas proximidades de Campanha, conheceu Mariana Carolina, jovem de tenra idade, bonita e graciosa que aí vivia na companhia de sua mãe e avó, ambas já viúvas. Descendente de uma das mais tradicionais famílias da Campanha, prima de Tiradentes, Mariana Carolina Pereira de Magalhães (mãe de Vital Brazil), filha de José Jacintho Pereira de Magalhães e de Francisca do Carmo Xavier de Araújo nasceu em 21 de maio de 1845, e aos quinze anos, em 21 de abril de 1860, casou com José Manoel.

Deixando a fazenda Boa Vista logo após a morte da avó, o jovem casal na companhia da mãe de Mariana foi residir na casa da cidade de propriedade dos Xavier de Araújo.

Abolicionista, de ideias republicanas, afastado e ressentido com a família paterna pela oposição ao casamento de sua mãe, resolveu José Manoel dar aos filhos nomes sem vínculo familiar, para que cada um construísse por meios próprios o futuro, sem contar com heranças ou qualquer outra dependência de parentes.

Nesta pequena e modesta casa da cidade, situada na Rua do Comércio (hoje Rua Vital Brazil), aos 28 dias do mês de abril de 1865 nasceu o menino Vital, batizado aos 10 dias do mês de junho na Igreja Matriz da Vila Campanha da Princesa, recebendo de seu pai o nome de:

Vital Brazil Mineiro da Campanha.

Nome escolhido por ter nascido no dia de São Vital, ser antes de tudo brasileiro e campanhense das Minas Gerais.

## Em Itajubá

Em 1868, o falecimento da mãe de Mariana, fez com José Manoel se decidisse pela mudança da família para Itajubá, para que Mariana não ficasse só com o menino durante suas ausências. A viagem precisava ser planejada com cuidado, havia 16 léguas para vencer e muito o que carregar - comida, roupas, utensílios, e até pequenos móveis deveriam estar firmemente presos ao lombo dos animais.

Já era noite quando chegaram à Fazenda da Cachoeira, próxima a Itajubá, de propriedade do pai de José Manoel, o *Capitão Pimenta*.

A infância do menino Vital foi passada em Campanha e em Itajubá.

Na fazenda de seu avô, o menino Vital viveu dias inesquecíveis da sua infância. A fazenda era enorme e produzia de tudo, só importando a seda, para a confecção dos vestidos usados nas festas, o sal que vinha de Macaé e Cabo Frio, e algumas ferramentas. O que não era consumido era exportado, as tropas de burros, carregadas dos mais variados produtos, viajavam até o porto de Paraty ou ao Rio de Janeiro onde comerciavam a sua carga, de lá trazendo a mercadoria que faltava na região.

Apesar da tenra idade, o instinto do pesquisador já se manifestava. Quando não estava a brincar, com grande interesse e atenção, Vital observava durante horas a fio o trabalho dos escravos, em todos os seus detalhes. Assim aprendeu a fabricar a corda de fumo por meio de cambitos, a fiar o algodão, a tecer, a fabricar a farinha de milho, a moer a cana, a fabricar a cachaça, o melaço e a rapadura.

Com o nascimento de sua segunda irmã, em dezembro de 1870, aumentaram as dificuldades do casal, que meses antes havia deixado a fazenda para residir na cidade de Itajubá. José Manoel decidiu abandonar a atividade de caixeiro viajante e procurar outro meio de vida. Com o apoio e ajuda de amigos políticos de seu pai, conseguiu sua nomeação para um dos tabelionatos da cidade de Caldas, uma das mais antigas comarcas da região.

## Em Caldas

A viagem a cavalo de Itajubá para Caldas, em 1872, durou cerca de quatro dias, e exigiu cuidados especiais, pois desta feita além do menino Vital, haviam mais duas meninas, nascidas em Itajubá, e Mariana viajava grávida.

Do alto de sua sela, o menino Vital se deliciava com todo aquele movimento de animais. Viajante profissional, bom conhecedor de todos aqueles caminhos, José Manoel planejara tudo com muito cuidado e eficiência, o almoço preparado na véspera, constituído de frango, carne de porco, biscoitos e queijo, era feito à sombra de árvores a margem de uma boa aguada, e o pernoite nas grandes fazendas, onde podiam encontrar boa cama e mesa farta.

A chegada aos locais de pernoite era programada para o entardecer, com tempo suficiente para acomodar os animais e de se preparar para a ceia às 8 horas, quando se rezava o terço dirigido pelo próprio fazendeiro, ou por um dos escravos mais qualificados.

Em Caldas nasceram cinco dos seus irmãos, que acrescidos das duas meninas, como já dissemos, nascidas em Itajubá, completavam a prole de oito filhos, dois homens e seis meninas, todos batizados com nomes diferentes e que homenageavam a terra onde nasceram.

Em ordem cronológica, foram eles: Maria Gabriela do Vale do Sapucahy; Iracema Ema do Vale do Sapucahy; Judith Parasita de Caldas; Acácia Sensitiva Indígena de Caldas; Oscar Americano de Caldas; Fileta Camponesa de Caldas e finalmente Eunice Peregrina de Caldas.

A vila de Caldas foi o lugar onde Vital acabou a sua meninice, viveu a sua adolescência, e recebeu as primeiras influências da sua mentalidade e do seu caráter. Na escola do Prof. José Eugênio de Sales, moço inteligente e educado dado ao jornalismo, fundador do primeiro jornal de Caldas, *O Caldense* teve o menino Vital a oportunidade de manejar o prelo de impressão e a composição de tipos. Da escola do Sr. José Eugênio, passou para a escola do Sr. Miguel, que representava a última palavra em matéria de ensino, pois o Reverendo Miguel Gonçalves Torres, pastor

protestante, trazia os métodos americanos pelos quais aprendera. O livro de leitura era a História da Bíblia de Barth, que ele comentava, trazendo belas lições de moral. Teve o Reverendo Miguel Torres grande influência, não só na formação, educação e instrução de Vital Brazil, como também influiu fortemente na família de José Manoel e Mariana convertidos em 1878 ao protestantismo.

Jogador inveterado, assíduo frequentador das mesas de carteadado, José Manoel encalacrrou-se de tal modo que foi forçado a vender o cartório para pagar suas dívidas. Nessas condições, após breve passagem por Guaxupé onde moraram com alguns parentes de Mariana, chegou Vital com seus pais e sete irmãos a São Paulo em 1880.

### **Em São Paulo**

Sob o governo de sua Majestade Imperador D. Pedro II, com o Partido Liberal no poder e a oposição do Partido Republicano, graças ao desenvolvimento ferroviário, e a expansão da cultura do café no Planalto Paulista, a partir de 1870 a cidade começou a sentir vigoroso progresso tornando-se a capital dos fazendeiros enriquecidos e o principal centro da província. Com uma população estimada em 25.000 habitantes, a cidade era dominada pelos estudantes de direito que lotavam as casas de pensão e as repúblicas que se estendiam em torno do largo da Igreja de São Francisco, cujos sinos badalavam chamando os estudantes para as aulas. Chegou Vital com seus pais e sete irmãos a São Paulo em 1880,urgia encontrar trabalho para os dois homens que deveriam sustentar a família. José, com o apoio da Igreja Evangélica, logo conseguiu colocar-se como vigilante no Colégio Morton, mas para Vital, com 15 anos, todas as tentativas para uma colocação no comércio foram frustradas, teve assim que aceitar o lugar de condutor de bondes na Cia. de Carris Urbanos da Capital.

Começava para Vital um longo período de dificuldades e sacrifícios que iriam dar têmpera ao seu caráter, e ensinar-lhe a ter paciência, a perseverar e a valorizar as grandes virtudes.

O espírito irrequieto de José Manoel não permitia acomodação, alguma coisa precisava ser feita para melhorar as condições de vida da família. Assim passados poucos meses conseguiu que seu filho Vital fosse aceito na Escola Americana, pelo Reverendo Chamberlain diretor da missão protestante, no curso para ministro evangélico, recebendo a importância de quarenta mil réis como mesada. Como todo estudante fosse obrigado a prestar serviços à missão, Vital foi incumbido inicialmente da limpeza, e assim logo pela manhã, antes do início das aulas, de vassoura em punho varria todo o colégio.

Mais tarde encarregado do jornal protestante, *Imprensa Evangélica*, corrigia as provas, tomava nota dos assinantes e de saco às costas levava os jornais ao correio. Não sentindo vocação para o exercício do ministério, pois ficava muito constrangido ao ter que, como parte do curso, pregar aos domingos nas ruas da periferia da cidade, resolveu o jovem mineiro cursar os preparatórios que permitiriam o seu ingresso no curso superior. Nestas condições, por iniciativa própria, foi o estudante procurar o Sr. Morton, dono do Colégio Morton, propondo lecionar gratuitamente no curso primário para em troca ter o direito de frequentar as aulas do curso secundário. Aceita a proposta, Vital Brazil ainda em tenra idade tornou-se professor, e ensinando ganhava o direito de aprender, condição que passou a adotar como solução para as dificuldades que viria enfrentar.

Com alguns preparatórios concluídos aos 19 anos, e o firme propósito de estudar medicina, desejava o professor estudante ir para o Rio de Janeiro, onde se encontrava uma das duas escolas de medicina existentes naquela época. Como não tivesse dinheiro para as passagens de trem, seu pai conseguiu um passe da polícia de ida e volta o que permitiu que o jovem embarcasse com destino a capital, onde deveria se apresentar no Colégio do Dr. Menezes Vieira, que por correspondência havia contratado o jovem professor.

Recebido no Colégio e deixado por longo tempo a espera, o Diretor do Colégio finalmente se manifesta decidindo não honrar o compromisso assumido. Sem

meios para qualquer reação, surpreso e decepcionado, Vital tomou o caminho para a estação onde ficou à espera do trem que o levaria de volta a São Paulo.

Sem desanimar, com a força redobrada sentida pelos homens determinados quando em confronto com um desafio maior, retornou ao *Curral do Bichos*, local assim chamado pelos veteranos destinado aos estudantes dos cursos preparatórios.

Nesta ocasião foi contemporâneo, de seu primo pelo lado paterno Wenceslau Braz Pereira Gomes e de Delfim Moreira da Costa Ribeiro, ambos se preparando para a escola de direito, e futuros Presidentes da República.

Terminado os preparatórios, apesar do dinheiro ganho com seu trabalho fora das horas de estudo, não tinha recursos para voltar ao Rio de Janeiro, tudo havia sido gasto na manutenção da família e nas mesas de jogo frequentadas por José Manoel.

Aproximava-se a época da matrícula na Faculdade de Medicina, com o apoio de sua mãe, o espírito prevenido e decisão tomada, com ou sem dinheiro haveria de chegar à capital e lá iniciar seus estudos. José Manoel, vendo a determinação do filho que não abria mão de seu intento, arranjou-lhe uma série de cartas de apresentação para gente que podia eventualmente arranjar um emprego para o rapaz, ao mesmo tempo que, com a interveniência do seu primo José Pereira Cabral, advogado e fazendeiro em Itajubá, conseguia em casa de uns comerciantes um lugar para o jovem se hospedar por alguns dias até começar a trabalhar.

### **Na Capital do Império**

Com o firme propósito de estudar medicina, chegou Vital Brazil ao Rio de Janeiro em 1886. De bolsos vazios mas com o coração cheio de esperança começa a entregar as cartas de recomendação que seu pai conseguira. A medida que encontrava o endereço do destinatário e fazia a entrega da missiva, no silêncio da leitura procurava perceber no olhar do leitor, algum sinal de apoio e receptividade. Mas qual nada, o constrangimento era maior a cada entrega, e a negativa uma constante. Assim foi parar no Andaraí,

a procura da casa de um ex-deputado e Conselheiro do Império a quem era dirigida uma das cartas remanescentes, na qual José Manoel apresentava seu filho como moço pobre que queria estudar. Doente, o velho parlamentar recebeu das mãos do jovem constrangido, o envelope cheio de esperança. A reação foi brusca, agressiva e inesperada: *moço pobre não estuda, vai empregar-se no comércio, isso de estudar medicina é para quem pode.*

Com lágrimas nos olhos, chocado por tamanha violência, Vital Brazil retirou-se. Do peito vinha o grito da revolta, do pensamento a força da determinação: *pobre pode e deve estudar, hei de estudar e ser médico.*

Resolvido, rasgou as outras cartas que ainda possuía, comprou um jornal e foi direto a coluna do “precisa-se”. Aí encontrou um anúncio do Colégio Froebel que precisava de um professor, dava casa, comida e um salário de quarenta mil réis.

Não havia o que pensar, correu para lá, e apresentando-se foi logo contratado. Com o mínimo para sobreviver, ingressou na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, realizando a primeira etapa do seu grande sonho.

Os anos que se seguiram foram um verdadeiro desafio à força de vontade e à perseverança do estudante.

Para ter o tempo necessário à frequência às aulas, tornou-se escrevente de polícia, dava aulas às filhas de um fotógrafo em troca da alimentação, e lecionava no período noturno no Liceu de Artes e Ofícios. Andava a pé para economizar o dinheiro da passagem de bonde, e à noite após um dia inteiro de trabalho, em seu pequenino quarto na casa de cômodos da rua do Lavradio, debruçava-se nos livros emprestados dos colegas, gravando em sua memória e anotando toda sua essência, pois não podendo comprá-los não podia contar com eles para consulta na época dos exames. A fraca iluminação das lamparinas de azeite, e o cansaço, faziam com que o sono se transformasse em instrumento de tortura para o leitor, situação sempre resolvida pela imersão dos pés em uma bacia de água fria.

Como estudante teve a oportunidade de conhecer o Imperador, e de assistir duas datas importantes da nossa história. A Libertação dos Escravos e a Proclamação da República.

Nessa época, o Imperador, nascido em 1825, contando mais de sessenta anos não deixava de prestigiar com sua presença todos os concursos para provimento das cadeiras das Faculdades. Acompanhando de perto a classificação dos candidatos exigia a nomeação do primeiro colocado não permitindo o favoritismo e outras trapaças. Sempre que havia uma defesa de tese de aluno distinto, ele pedia ao diretor da escola para avisá-lo, pois fazia questão de assistir sua exposição. Não muito raro aparecia na escola escolhendo uma das aulas que assistia sentado em uma poltrona colocada à frente.

Certa vez afirmou: *Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro.*

Foi assim que Vital Brazil, por diversas vezes teve a oportunidade de vê-lo de perto e de conhecê-lo pessoalmente. Era uma figura venerada, altamente interessado em tudo que se referia a educação, aos bons princípios da moral, da ética e dos bons costumes.

D. Pedro custeava de seu bolso as despesas de vários estudantes, tanto no País como no estrangeiro. Vale aqui lembrar, que, amigo e admirador de Pasteur, contribuiu pessoalmente com substancial quantia para a fundação do Instituto fundado por este grande benfeitor da humanidade.

Pensando na tese que deveria apresentar à faculdade por ocasião de sua formatura, recebeu do seu amigo fotógrafo Elias, adepto da homeopatia, a sugestão de estudar a planta Pulméria, muito usada no tratamento de pessoas mordidas por cobra.

A ideia agradou. Chegou à conclusão que nada poderia ser feito sem um laboratório, e sem a ajuda de um profissional para orientá-lo nas pesquisas e experiências. Assim foi procurar o Dr. Domingos José Freire, único experimentador daquela época e professor de química orgânica e biológica, no

intento de conseguir deste o apoio e a ajuda necessária. Infelizmente o professor não se interessou pelo projeto, e Vital teve que desistir do tema escolhido para sua tese de formatura.

Formou-se Vital Brazil Mineiro da Campanha, em dezembro de 1891, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fazendo jus ao título de *Doutor em ciências médico-cirúrgicas* (como consta de seu diploma assinado pelo Barão do Lavradio) pela defesa da tese *Funções do Baço* apresentada manuscrita em 15 de dezembro de 1891, defendida e aprovada em 9 de janeiro de 1892.

### **De regresso a São Paulo**

De regresso a São Paulo, onde se casou em 15 de outubro de 1892, com sua prima em segundo grau Maria da Conceição Philipina Pereira de Magalhães, Vital Brazil foi contratado pelo Serviço Sanitário do Estado, seguindo em comissões de higiene no combate à febre amarela nas localidades de Belém do Descalvado, Rio Claro e Jaú, sendo, mais tarde, já em 1893, nomeado Delegado de Higiene na cidade de São Paulo.

Participa então da comissão de especialistas para estudo do saneamento das localidades do interior assoladas pela febre amarela, malária, varíola, difteria e outras endemias, viajando para Belém do Descalvado, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, Cachoeira e Barra do Pirai, onde além de combater essas enfermidades estabelecia planos e promovia o saneamento básico local.

Em 1895, segue para Cachoeira, hoje Cachoeira Paulista no Vale do Paraíba, chefiando a Comissão Sanitária no combate à epidemia de cólera-morbo que se instalara na região. Sempre elogiado por seus superiores pelo desempenho e resultados obtidos, o jovem médico não media riscos e nem poupava esforços para bem servir à população flagelada pelas impiedosas enfermidades que dizimavam homens, mulheres e crianças.

Instado por sua mãe e por sua esposa que tinham por sua vida, resolve Vital Brazil deixar o serviço público e dedicar-se à clínica médica.

Em 1895, o destino o conduziu a pequena Botucatu, porta-do-sertão, cabeça de comarca estendida entre os rios Tietê e Paranapanema, dividia-se, para tudo, entre católicos e protestantes, estes chegadiços. Havia escola, clube, comércio, professores de uma e outra postura religiosa. E uma *cidadela* protestante no coração da cidade.

### **Em Botucatú**

Os protestantes chamaram professores e médicos protestantes. Como protestante, para servir a seus irmãos, é que Vital Brazil foi para lá, com a mulher e uma filha, a primeira da prole de nove filhos que viria a ter.

Para que também atendesse nas fazendas cafeeiras, deram-lhe trole, troleiro, escala de linhas ou direções dos locais que deveriam ser atendidos.

Quem nos conta é o grande médico botucatuense, historiador e acadêmico Henrique Donato, no artigo intitulado: *A história revela o caráter de Vital Brazil e ajuda a compreendê-lo à sua vida e obra.*

*O troleiro foi Sebastião Pinto Conceição, que se orgulhava dos dias vividos troleando Vital Brazil, e contava com gosto de repetir o sucedido com o campeiro mordido por cobra.*

*O troleiro conhecia a estrada e a gente ao longo do traçado. Colonos, retireiros, agregados. Onde branquejasse um pano branco, troleiro e doutor liam a mensagem: “precisamos do médico”. O trole enfiava pelo caminho, balizado pelos panos brancos.*

*Um dia, o branquejar de toalhas e lençóis encaminhou o trole à casa de um campeiro notório. Mesmo tendo patrão fervorosamente protestante, teimava em continuar católico e em não renunciar ao largo renome de caçador, de beberão de fim de semana e de exercitado e convicto adúltero. Como sério agravante zombava dos esforços de quantos empreendiam convertê-lo ao protestantismo, ao contrário da esposa que dera e mantinha seu voto com fervor de neófita,*

*ele seguia convictamente mergulhado nos pecados em que se deliciava.*

*Aquela manhã encontraram-no deitado, mais bêbado do que ferido. Cheirava ele e o quarto, à fumo de corda e à cachaça. A mulher explicou: - Anteontem, no meio da tarde, foi picado por uma cascavel.*

*O médico sério e reprovativo observou: - Anteontem? Porque não o levaram para a cidade?*

*Ela levantou o lençol, exibindo a perna do marido. Sobre a picada, escandalizava um feio emplastro tresandando a fumo mascado e à pinga, arruda, breu e talo de bananeira. Tudo isso envolto pelas contas de rosário de carapiá. Na região, tinha-se por certo que nada melhor para sustar a “subida” do veneno de cobra do que “laço” de rosário de carapiá. Como reforço absoluto, uma oração endereçada a São Lázaro.*

*Mais envergonhada pelo rosário, o santo, a cachaça e o resto do que pelo molesto, confusa diante do médico ilustre e do protestante convicto, a dona da casa e do ferido católico, tentou justificar: - Desculpe, doutor. Ele não quis ir para a cidade. Teimou na bebida e nessa abominação...*

*Dizendo-o, ensaiou arrancar o rosário, o emplastro. Vital deteve-lhe o gesto: - Deixe tudo como está, por mais uma hora. Procure acordá-lo. Depois, limpe bem a ferida e faça o seguinte... Seguiu-se uma série de recomendações.*

*Mais tarde, tão logo se acomodou na boléia do trole, ao lado do médico, continuando a peregrinação em busca de panos brancos, o troleiro observou, entre curioso e ousadamente reparador: - Não entendi, doutor Vital. Tenho visto o senhor tão enérgico quando se trata de cuidados médicos ou de emprego de credence como remédio, mas nesse caso, mesmo sendo mordida de cascavel... Parece que o senhor concordou com o homem. Rosário de carapiá, então é bom para curar mordida de cobra?*

*Pois Vital explicou, como se diante, não do troleiro, mas de alunos atentos ou de compungida comunidade evangélica. – Não, não acredito que fumo, cachaça e rosário disto ou daquilo possam mais do que veneno de cascavel em corpo humano. Mas se a cobra picou anteontem e o homem na verdade só padece de forte ressaca, devo concluir que a cobra estava sem veneno no instante da mordida. Ele nem precisaria de tratos. Mas quis se tratar e nessa precisão pôs fé no emplastro e no rosário. Mostrou-se homem de expediente e de fé. Por enquanto, não tenho nem medicina nem ensinamento para substituir as que ele tem e usa. O que não posso como médico e homem religioso é deixar uma criatura sem os remédios nos quais confia e retirar-lhe a fé na qual descansa. Ele está salvo e com fé robustecida. Que mais desejar para um homem?*

*A grandeza de um homem referencial bem pode ser revelada por um pequeno-grande episódio. (Da Revista da Academia Paulista de História – Ano XI – N.º 51)*

Em Botucatu, Vital reencontrou seu grande e velho amigo o Reverendo Carvalho Braga. A palavra do amigo que falava das várias plantas empregadas empiricamente no tratamento dos acidentes ofídicos, e a forte emoção provocada pela morte de uma jovem paciente, fez o médico se entregar ao estudo, com o objetivo de descobrir a verdade explicando a razão de ser tão variadas as substâncias preconizadas contra o envenenamento.

O primeiro passo foi vencer o pavor das serpentes. Compradas dos roceiros eram colocadas em caixas de madeira e guardadas em um pequeno quarto no fundo do quintal. Era preciso, no entanto, tira-las da caixa, observar o seu comportamento e extrair seu veneno, tudo com muito cuidado, pois qualquer descuido poderia ser fatal. Estava o pesquisador empenhado nas suas experiências com vários extratos vegetais, quando chegou-lhe às mãos o trabalho de Calmette, que focalizava a resolução do ofidismo pela soroterapia. A simples leitura desse trabalho revelou

aos olhos do cientista a verdade, levando-o a mudar inteiramente o rumo das suas pesquisas.

A soroterapia, na época a mais nova conquista da ciência médica, havia, em 1891, aberto um novo caminho para a resolução de inúmeros problemas. Em 1894, a descoberta da soroterapia antipeçonhenta feita simultaneamente por Physalix e Bertrand, no Instituto de História Natural de Paris, e por Calmette no Instituto Pasteur de Lille, deu início ao processo que iria resolver a questão do ofidismo.

Calmette foi o único a desenvolver e produzir o soro antivenenoso *antivenimeux*, como chamou por pensar que este serviria para neutralizar toda e qualquer peçonha.

Entusiasmado com o que acabara de ler, vislumbrando a real possibilidade de ter encontrado o caminho que buscava, Vital resolve abandonar a clínica e voltar à capital do estado, para dar prosseguimento às suas pesquisas. Experimentar a imunologia e a soroterapia na pequena e longínqua Botucatu, seria pura perda de tempo.

### **Novo Regresso a São Paulo**

Com a ajuda dos amigos e o excelente conceito deixado no serviço público, em 14 de junho de 1897 é nomeado assistente do Instituto Bacteriológico, sob a direção do eminente médico e sábio naturalista Adolpho Lutz. Dele obteve Vital Brazil não só autorização para ocupar-se do ofidismo, como também recebeu os mais sábios conselhos e auxílio.

O aparelho apreensor de serpentes que deu o melhor resultado prático foi criação deste, e por isso recebeu o nome de laço de Lutz. Esta e outras criações foram da mais extrema valia para o manuseio das serpentes, para extração de veneno e desenvolvimento das pesquisas.

O entusiasmo e a dedicação do pesquisador logo conquistaram a amizade e a admiração do seu chefe e dos seus colegas, que passaram a incentivar o jovem médico a perseverar na busca da verdade.

No Instituto Bacteriológico, Vital Brazil extraiu a peçonha das serpentes mais encontradas no Estado, cascavel, jararaca, urutu e jararacuçu. Determinou

as quantidades de veneno líquido e após secagem, obtidos em várias extrações, e suas doses letais para vários animais de laboratório. Descreveu com grande exatidão os sinais e sintomas apresentados pelos animais de laboratório frente às diferentes espécies de serpentes. Realizou autópsias observando as diferenças da ação das diferentes peçonhas. Imunizou cães e cabritos, verificando que o cão é um animal muito resistente ao veneno e facilmente imunizável, enquanto o cabrito é muito mais sensível.

Nesta oportunidade, conseguiu uma ampola do soro de Calmette e com grande entusiasmo se apressou em experimentá-lo. Para sua grande surpresa o soro falhou, todos os animais usados na experiência morreram.

O que teria acontecido? A certeza de que a soroterapia era o caminho certo e a procedência do soro produzido pelo Instituto Pasteur de Lille colocava o produto acima de qualquer suspeita, fez com que Vital passasse a refletir sobre o acontecido, buscando encontrar a causa do insucesso.

Repassando todas as experiências realizadas até então e analisando seus resultados, a atenção do cientista voltou-se para a observação feita por ele sobre as diferenças da ação dos diversos venenos que havia utilizado, e concluiu: Ou o soro utilizado tinha perdido sua atividade em função do tempo decorrido desde sua fabricação, ou o soro produzido com o veneno de cobras indianas não era ativo para o veneno das cobras brasileiras.

Considerando a segunda hipótese, Vital Brazil resolveu imunizar alguns cães com os venenos da nossa cascavel e da jararaca, preparar os respectivos soros e pesquisar a especificidade.

Conseguiu - o soro anticrotálico é ativo contra o veneno da cascavel, e o botrópico contra os venenos das espécies Botrops. Estava descoberto o princípio da especificidade dos soros anti-peçonhentos. O conceito da unicidade do soro anti-tóxico, reconhecido pela comunidade científica europeia, cede lugar ao da especificidade regulada pelas diferenças antigênicas das peçonhas. A especificidade dos soros anti-peçonhentos, descoberta por Vital Brazil, passa

a ser uma realidade científica, resolvendo de forma eficaz e definitiva o grave problema do ofidismo.

Em 1898, Vital Brazil entrega um relatório com suas observações e conclusões sobre a soroterapia antiofídica.

Adolpho Lutz alcança o valor destes primeiros ensaios e solicita ao Governo a criação de um instituto, onde Vital Brazil pudesse prosseguir suas investigações.

No Instituto Bacteriológico, não havia espaço suficiente, nem instalações para o cativeiro das serpentes, para estabulação de grandes animais, e para os serviços de imunização, o que inviabilizava a fase final do trabalho. A produção do soro em larga escala.

### **A Peste em Santos**

Nesse momento, o surto epidêmico surgido em Santos, em 1899, preocupa as autoridades sanitárias, o Instituto Bacteriológico convocado para identificar a origem do mal envia Vital Brazil, que parte para aquela cidade em 9 de outubro. Médico experiente na área de combate às endemias, instala um rudimentar laboratório em um dos quartos do hospital da Santa Casa, identifica a epizootia de ratos, obtendo culturas positivas do bacilo da peste e realiza autópsias. Não há dúvida, trata-se da peste bubônica. Adolpho Lutz, em São Paulo, acompanha com interesse o trabalho e confirma os resultados dos exames de laboratório. Medidas enérgicas precisam ser tomadas para conter a doença trazida e propagada pelos ratos.

O povo não quer que seja a peste, porque não convém aos seus interesses. Alguns médicos mal orientados alimentam a incredulidade e a revolta popular. Trata-se de um porto, e todo o comércio está prejudicado. As pressões são enormes sobre Vital Brazil, que com inabalável firmeza e apoio de seus chefes Emílio Ribas e Adolpho Lutz prossegue no seu trabalho.

Em função dos resultados dos exames e pesquisas realizadas por Vital Brazil até o dia 18, as autoridades sanitárias declaram oficialmente a existência da peste em Santos.

Lutz confiante no seu julgamento e no trabalho de seu subordinado, sem vaidade como convém aos homens dotados de elevado espírito, envia amostras de todo o material colhido para as mais altas autoridades neste assunto, em diversos países da Europa. Deles, mais tarde, recebeu a confirmação da existência do mal.

Em 21 de outubro entra no isolamento um doente em estado grave, era a oportunidade tanto esperada. Vital se empenha na prova final do seu diagnóstico, punciona o bulcão axilar, obtendo um líquido soro sanguinolento e colhe sangue para culturas.

No dia 23, justamente quando recebia de São Paulo algumas cobaias, para completar os estudos que tinha começado, Vital foi acometido pela terrível peste, forçando-o a abandonar completamente o trabalho, e se recolher ao leito. A família se desespera com as notícias que chegam a São Paulo, jornais mais alarmistas chegam anunciar a sua morte.

As culturas, obtidas do caso Turíbio Fontes, verificadas apresentaram-se impuras, tornando necessária a preparação de novas para a confirmação definitiva do diagnóstico. Comissionado pela Diretoria Geral de Saúde Pública chega o Dr. Oswaldo Cruz a quem Vital Brazil, acamado, solicita as colaborações para o preparo das novas culturas que se faziam necessárias. Usando o material colhido por Vital Brazil, o ilustre bacteriologista, representando o Governo Federal, gentilmente atende ao pedido do colega recolhido ao leito e com grande competência consegue cultura pura, definitivamente reveladora, confirmando de forma inquestionável o diagnóstico de Vital Brazil.

Com a satisfação do encontro da verdade, Oswaldo Cruz apressa-se a informar ao vitorioso colega acamado.

Entra no seu quarto e vai dizendo: *Parabéns Vital, você está com peste.*

Começou aí a amizade entre esses dois expoentes da medicina brasileira, cultivada nos anos que se seguiram pelo respeito e mútua admiração.

Assume o posto em Santos o Dr. Victor Godinho, também médico assistente do Instituto

Bacteriológico de São Paulo, que dá continuidade aos trabalhos para erradicação da peste, e dedica ao colega doente seus preciosos préstimos, permitindo a recuperação do paciente.

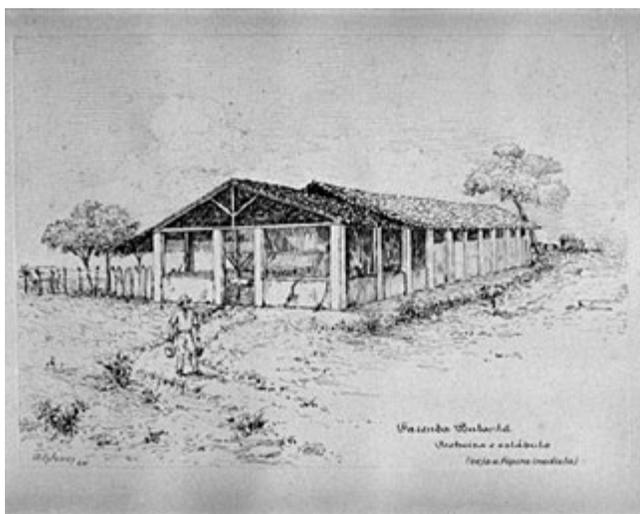
A rapidez da ação correta e a competência de Vital Brazil permitiu às autoridades sanitárias logo debelar a epidemia, propiciando ao povo santista a retomada da normalidade em segurança.

### O Butantan

Quando ainda convalescente regressa a São Paulo, o Governo do Coronel Fernando Prestes, assistido pelo ilustre Dr. Emílio Ribas, já havia adquirido a fazenda do Butantan, para instalar o aludido instituto sugerido por Adolpho Lutz. No Rio de Janeiro, o Barão de Pedro Afonso contrata Oswaldo Cruz para diretor técnico do Instituto de Manguinhos. Assim, Butantan e Manguinhos nasceram ao mesmo tempo, pela mesma causa e com os mesmos objetivos.

Amparado pelo entusiasmo pela soroterapia e pelo grande desafio, Vital Brazil, comissionado, entra na Fazenda do Butantan em 24 de dezembro de 1899 com a incumbência de ali organizar, instalar e dirigir um laboratório com a finalidade de produzir o soro antipestoso. Na sua bagagem trouxe o seu trabalho sobre ofidismo, exultando com a feliz oportunidade de aplicar em maior escala e em grandes

Figura 1  
Fazenda Butantan –  
cocheira e estábulo



animais, os conhecimentos colhidos na experiência em animais de laboratório.

O estábulo da fazenda, onde faziam a ordenha, murado e adaptado, passou a servir como laboratório e foi aí, neste ambiente paupérrimo onde o desconforto competia com a impropriedade das instalações, que tiveram início, em 1900, os primeiros trabalhos técnicos do Butantan. Sob sua administração o Butantan já no ano seguinte produzia e entregava ao consumo os primeiros frascos de soro antipeçonhoso e antiofídico, e em pouco tempo se tornaria em um grande centro de pesquisas, verdadeiro marco na ciência experimental, reconhecido mundialmente pelos trabalhos científicos ali realizados.

Em dezembro de 1901, Vital pronuncia memorável conferência na Escola de Farmácia de São Paulo sobre “O envenenamento ofídico e seu tratamento”, na qual descreve com minúcias os envenenamentos crotálico e botrópico, diferenciando-os distintamente, e noticia o emprego do soro pela primeira vez, no Butantan, em um homem picado por jararaca.

A primeira consagração, no entanto, só aconteceu em 28 de junho de 1903, no Quinto Congresso de Medicina e Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro, quando demonstrou, na prática e ao vivo, que a única arma para combater o envenenamento ofídico era o soro específico.

Para esclarecer definitivamente a comunidade científica da eficácia dos soros antipeçonhentos, Vital leva para a sala do Congresso uma das experiências que costumava realizar em laboratório, demonstrando na prática e ao vivo, que a única arma para combater o envenenamento ofídico era o soro específico. O resultado desta demonstração foi além do esperado, foi enorme o impacto em todos os espectadores, a classe médica presente mais curiosa do que interessada despertou para uma realidade científica da mais alta importância, e a primeira consagração de Vital Brazil aconteceu nesta tarde de 28 de junho de 1903, na 12ª sessão do Quinto Congresso de Medicina e Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro, sob a Presidência do Dr. Souza Lima.

Testemunha ocular do episódio, assim se expressou o Dr. Castro Goyanna em seu discurso proferido durante a comemoração do 40º aniversário de formatura da turma de 1904, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

*A sala repleta de médicos e estudantes de medicina acolheu com extraordinária aclamação a figura simpática de Vital Brazil, quando entrou para dar início à conferência. Depois de ligeiras considerações a respeito da biologia das cobras e de explicar o processo e preparo do soro apropriado a cada espécie, passou às partes demonstrativas de sua atividade terapêutica. Aos animais destinados a esse objetivo, inoculou a dose mortal de veneno, e separou-os em dois lotes: num, fez o tratamento soroterápico, e o outro, conservou como testemunha. O resultado foi assombroso. Os que receberam o soro permaneceram vivos durante toda a conferência, e as testemunhas morreram ali, logo depois, à vista curiosa e perplexa da assistência.*

*Realizada a demonstração, agarrou um exemplar vivo de enorme cascavel, e, apresentando-a aos espectadores, fez-lhe diante deles, a extração do veneno. Terminada a operação, largou naturalmente no chão da sala, perante a vasta assembleia muda e emocionada, o magnífico ofídio, de cerca de dois metros de comprimento, que ali se deixou ficar, inerte e indiferente.*

*Foi o ponto culminante da conferência. A estudantada, de olhos fitos e atenção concentrada, que cercava de perto o experimentador, e acompanhava com vivo interesse os incidentes da manobra, abriu de chofre um largo espaço em recuo de ponto central, tomada assim de um misto de pavor e admiração. Vital Brazil, de pé, imóvel, alheio a esse movimento instintivo, continuou calmamente a explanação científica, como se o incidente fizesse parte da conferência.*

*Lembro-me bem do seu porte elevado, no meio do salão isolado e impassível, acostumado a cenas dessa natureza, dominado pela segura eficiência do*

*processo. E nunca mais esqueci o incidente, na ânsia de acumular conhecimentos, que muito me serviriam depois, no tirocínio clínico, e que essa instrutiva lição nos fixou pela vida inteira.*

Este memorável congresso médico, já celebrizado pela memória apresentada por Emílio Ribas sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito, consagra também Vital Brazil pedindo ao governo federal um prêmio a tão notável investigador, que com um específico poderoso restituía à nossa pátria milhares de vidas de trabalhadores.

Não ficou limitado aos meios científicos brasileiros a repercussão desta apresentação do trabalho do cientista, como uma grande boa nova chegou ao conhecimento de grandes cientistas europeus, como podemos constatar pela carta de Calmette dirigida a Vital Brazil.



Fotografia 2  
Dr. Vital Brazil, à direita,  
extraíndo veneno de uma  
serpente

*Lille, 31 de outubro de 1903  
Instituto Pasteur de Lille*

*Meu caro confrade*

*O Dr. Marchoux entregou-me de sua parte o soro antiofídico e a peçonha de serpentes do Brasil que o senhor teve a extrema delicadeza de enviar-me. Por isso lhe expresso toda minha mais viva gratidão.*

*Aplaudo com todo meu entusiasmo a obra que o senhor criou em São Paulo e desejo que consiga difundir o uso do soro em todo esse belo país – o Brasil – ao qual o senhor presta tão grandes serviços!*

*No momento, preparo uma obra sobre as serpentes venenosas e venenos de toda serie animal. Peço-lhe que me envie, para que meu trabalho seja completo no que concerne ao Brasil, primeiro os seus trabalhos sobre o assunto e em seguida a indicação da obra ou brochura onde se encontra a melhor descrição e as melhores figuras coloridas representando as serpentes venenosas de seu país.*

*Ficar-lhe-ei muito reconhecido se o senhor puder enviar-me imediatamente as figuras ou desenhos. Eu as farei reproduzir, indicando que as devo à sua amável colaboração.*

*Queira aceitar, muito honrado colega, a expressão dos meus sentimentos mais elevados e de minha admiração por seus trabalhos.*

*A. Calmette*

A descoberta de Vital Brazil sobre a especificidade dos soros antipeçonhentos não se limita a soroterapia antiofídica ou ao tratamento de envenenamento produzido por toda e qualquer peçonha, vai mais além, estabelece um novo conceito para a imunologia, abrindo um novo e promissor caminho para ciência, chegando aos nossos dias com os avançados estudos sobre a rejeição que encontra suas causas no princípio da especificidade. A criação dos soros antipeçonhentos específicos e o antiofídico polivalente ofereceu à medicina, pela primeira vez, um produto realmente eficaz no tratamento do acidente ofídico, que sem substituto, permanece salvando todos os anos centenas de milhares de vidas, pelo mundo a fora por mais de um século.

Se, para o cientista Vital Brazil, os resultados obtidos no laboratório eram definitivamente satisfatórios, para o médico humanitário ainda havia muito o que fazer. Era preciso, além de vencer lendas e credences, produzir soro em quantidade suficiente e coloca-lo ao alcance do homem do campo, a maior vítima do ofidismo.

Com a visão ampla do problema, busca na sua imaginação todos os recursos para desencadear o que chamou - *A defesa contra o ofidismo*, extenso programa de ação objetivando divulgar e levar ao interior a mensagem e o recurso do novo tratamento. Foram, entre outras, algumas dessas providências: a idealização de uma caixa de madeira, segura, de fácil fabricação e baixo custo, para o transporte de cobras vivas; a fabricação em quantidade de laços e caixas pelo Butantan, para distribuí-las pelo interior; a

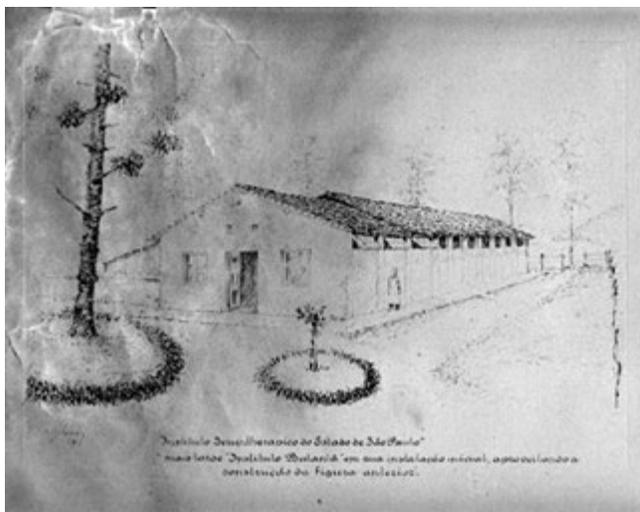
realização de convênios entre as diversas Estradas de Ferro e o Butantan para o transporte gratuito desse material; e concluindo, a implantação com os fazendeiros de um sistema de trocas, as cobras capturadas recebidas no Butantan eram pagas com tubos de soro, seringa e agulha enviados ao remetente. Assim conseguiu, Vital Brazil, receber cobras em quantidade e obter veneno suficiente para a fabricação do soro em escala compatível com as necessidades da população, ao mesmo tempo que colocava nas mãos dos maiores necessitados o único meio seguro de lhes salvar a vida.

Nesta ocasião, o sistema de trocas com os fazendeiros, de cobras por soro, havia dado certo. Crescia diariamente o interesse e a procura. Era imprescindível aumentar a produção dos soros antipeçonhentos. Solicita Vital Brazil, ao seu chefe imediato o Dr. Emilio Ribas, Diretor do Serviço Sanitário do Estado, a aquisição de 10 cavalos para a imunização. O Dr. Ribas, cumprindo as normas administrativas vigentes, encaminhou o pedido ao Secretário do Interior, pasta na época ocupada pelo Dr. Bento Bueno. Este Secretário de Estado, desconhecendo o papel de relevo do Instituto do Butantan, mandou dizer ao Dr. Ribas, que perguntasse ao Dr. Vital Brazil se já não se sentia satisfeito com o cargo que lhe haviam dado. Tal recado foi transmitido pelo Dr. Ribas ao seu grande amigo, com o cuidado de atenuar as palavras do Secretário, de modo a não produzir mágoa.

A reação surgiu de modo inesperado. O diretor do Butantan sugeriu ao seu chefe, o Dr. Ribas, que dirigisse um convite ao Dr. Bento Bueno para visitar o Instituto, pois assim poderia se certificar da necessidade do pedido ao mesmo tempo que iria conhecer mais um setor subordinado à sua Secretaria.

Marcada a data, a visita foi realizada ainda no velho galpão da antiga fazenda que servira de estábulo. Bento Bueno conheceu então o trabalho que tanto honrava São Paulo. Viu cobras de todas as espécies, assistiu a extração do veneno e a demonstração ao vivo da eficácia dos soros antipeçonhentos. Lá, no ambiente onde tudo era improvisado, o Secretário do Interior mediu o esforço que era feito, para que não

Figura 2  
Instituto Serumtherápico do  
Estado de São Paulo, mais tarde  
Instituto Butantan



faltassem esses novos recursos humanitários às inúmeras vítimas dos acidentes ofídicos. Certificara-se, portanto, não só da necessidade dos animais como também da validade do pedido.

Ao despedir-se, segundo relato do próprio, o Dr. Bento Bueno perguntou ao Dr. Vital quantos animais seriam necessários para o seu Instituto. Com a resposta de que ficaria satisfeito com os que solicitara, o Dr. Bueno disse-lhe afirmativamente: *Pois terá estes e muito mais.*

De fato, dias mais tarde chegou ao Butantan um lote de muares adquiridos pelo Estado à Cia. de Viação Paulista, concessionária do serviço de bondes na capital, que se tornaram excelentes produtores de soro. Daí em diante, passou Vital Brazil a contar com mais um amigo sincero que o atendia prontamente.

Compreendendo o valor dos soros antipeçonhentos para o Brasil, onde a mortalidade pelo ofidismo atingia milhares de pessoas, o governo federal atendendo a recomendação do 5º Congresso concede a Vital Brazil um prêmio, e o Estado de São Paulo também o premia com uma viagem de estudos à Europa.

### **Viagem à Europa**

Em 4 de maio de 1904, no porto de Santos, Vital com a esposa Maria da Conceição (Inházinha) e os filhos

Vitalina, Alvarina e Mário embarcam no vapor Magellan com destino à França. Com eles, viajou também Mariana, mãe de Vital, que assim cumpria uma decidida e muitas vezes repetida afirmativa quando ainda menino em Itajubá, questionado por parentes que achavam graça da sua decisão de se tornar médico, afirmava para sua mãe: *vou ser médico e ainda hei de leva-la a Paris.*

Paris, considerada a primeira cidade do mundo era o referencial da moda feminina e sua mãe na época, talvez a única costureira modista da cidade.

Visitando os centros científicos mais desenvolvidos da Europa, Vital Brazil teve a oportunidade de conhecer novas técnicas e seus resultados.

No seu regresso, desejando minimizar o tempo e o desgaste nas viagens diárias de sua casa em São Paulo até o trabalho, Vital promove uma reforma na antiga casa da fazenda e muda-se para o Butantan com a mulher e quatro filhos; Vitalina com 11 anos; Alvarina com 9 anos, Mário com 8 anos e Vital Filho, nascido em Paris, com 1 ano de idade.

Quando chegou ao Butantan, a casa simples do diretor mais parecia a sede de uma modesta fazenda do interior, Inházinha lembrava-se dos tempos que viveu em Guaxupé. No quintal criava algumas galinhas, havia uma pequena horta e no pomar algumas árvores frutíferas, plantadas por Vital, davam frutos na estação. Na época da floração, os frutos da paineira eram abertos, descaroçados e a paina, seca ao sol, aproveitada para fazer travesseiros e acolchoados que agasalhavam as crianças nas noites de inverno. Com a colaboração de uma cozinheira e de uma auxiliar que a ajudava com as crianças, Inházinha participava diretamente de todo o trabalho da casa, que tinha início nas primeiras horas da manhã indo até o anoitecer.

A luz do dia era a determinante. O café da manhã servido nas primeiras horas após o alvorecer, o almoço as onze horas e o jantar servido às dezessete horas, para que antes do anoitecer o casal com os filhos pudesse fazer breve passeio a pé pelas proximidades.

Em 14 de junho de 1906, nasce seu filho Ary, o primeiro dos cinco filhos que iriam nascer no Butantan. Ruy nasceu em 1907, Álvaro em 1909, Lygia em 1910 e Oswaldo em 1912. O nome Ruy foi escolhido em homenagem a Ruy Barbosa e Oswaldo em homenagem a Oswaldo Cruz.

### **De Regresso ao Butantan**

De regresso, em 1905, com técnica aperfeiçoada e mais entusiasmo pela ciência, reencontra seu velho, improvisado e impróprio laboratório. As dificuldades ainda são enormes, mas nada pode abalar o firme propósito do cientista em retomar seus estudos científicos sobre o ofidismo e dedicar-se ao preparo de produtos de grande importância para tratamento de outras moléstias.

Nesta ocasião, iniciou o preparo do soro antidiftérico. Com culturas recebidas do Instituto Pasteur de Lille e com outras preparadas no próprio Instituto, foram obtidas toxinas comparáveis às melhores obtidas nos laboratórios da Europa, e o Instituto do Butantan se torna o primeiro laboratório a produzir o soro antidiftérico em nosso país.

O Hospital de Isolamento de São Paulo, passou a consumir exclusivamente o soro de Butantan no tratamento da difteria, apresentando excelentes resultados.

Ocupou-se também o Instituto do Butantan com o preparo dos soros antitetânico, anti-desintérico, anti-estreptocócico, anti-aftôso, anti-licósico e outros.

Vital Brazil faz os primeiros estudos sobre o soro antiescorpiônico e é, na América, o primeiro cientista a provar ser possível a obtenção do soro pela imunização de um animal contra o veneno do escorpião, conforme trabalho apresentado no Sexto Congresso de Medicina e Cirurgia em 1907.

Foi também neste Congresso que Vital Brazil apresentou seu memorável trabalho sobre a dosagem dos soros antipeçonhentos. Os métodos então utilizados para dosagem dos diversos outros soros, não apresentavam resultados seguros e precisos quando aplicados aos soros antipeçonhentos, deixando o cientista preocupado com a imprecisão das informações:

*Não basta preparar um soro ativo contra um veneno e saber que ele é ativo ou antitóxico, é preciso bem mais que isso, para segurança na sua aplicação e certeza do resultado é fundamental medir com precisão o seu valor neutralizante (Vital Brazil).*

Com a sua extraordinária capacidade de observação e persistente força de vontade para o encontro de soluções científicas, finalmente em 1907, Vital Brazil encontra o caminho determinante para o método que apresentou resultados definitivamente satisfatórios. Em seu primoroso trabalho *Dosagem do valor antitóxico dos sérums anti-peçonhentos*, não só relata com clareza o novo método, como também descreve em detalhes suas observações e resultados obtidos em relação aos métodos experimentados.

Este método para a dosagem dos soros anti-peçonhentos criou tecnologia inédita. Completando a base dos recursos científicos, não só permite a avaliação segura e precisa destes soros como também contribui efetivamente para a elucidação de importantes questões da soroterapia. Empregado por todos os laboratórios produtores, assegura ao acidentado a forma mais conveniente e efetiva para o seu tratamento colocando à disposição da humanidade a resolução final, completa e definitiva do ofidismo.

A complementar todas essas medidas, em 1911, escreve e publica o livro *A Defesa Contra o Ofidismo*, obra de grande valor didático, técnico e científico, escrita porém em linguagem clara e de fácil entendimento, para atender ao maior número possível de interessados. O interesse despertado pela obra fez com que fosse reeditada, traduzida para o francês, em 1914.

Dependendo da aprovação do orçamento, que apresentava anualmente a seus superiores, para tomar as medidas administrativas que se faziam necessárias, teve o cientista de empregar toda sua capacidade de improvisação e perseverança. Para a construção da caixa d'água, que satisfizesse o consumo, foram necessários cinco anos, e as instalações apropriadas ao laboratório inauguradas em 1914, exigiram quatorze anos de espera e sacrifícios do diretor

e de seus assistentes, que aos poucos moldavam a forma e a estrutura dessa grande instituição.

### **O Luto**

Em 1913, tristes acontecimentos abalam a vida de Vital Brazil em 24 de janeiro falece sua mãe Mariana aos 68 anos. Aquela que por toda sua vida o tinha encorajado, apoiado e sido sua incondicional admiradora, desaparecia deixando um grande vazio, muitas saudades e imensa tristeza.

Profundamente abalada com a perda da amiga, tia-avó e sogra, grávida e com a saúde debilitada, quarenta e dois dias após a morte de Mariana, em 8 de março de 1913, vítima de septicemia aguda, Inházinha falece no Hospital e Maternidade São Paulo, deixando o cientista viúvo com nove filhos. Casados há 21 anos quando Vital recém-formado, contava 27 anos de idade e a noiva apenas 15 anos, o casal havia construído uma vida conjugal sólida alicerçada no grande amor que nutriam um pelo outro. Se conheceram ainda crianças, se apaixonaram na adolescência e se uniram no alvorecer da juventude.

A proximidade na rotina diária que viviam no Butantan havia fortalecido ainda mais a união e o apego que sentiam um pelo outro. O aconchego do lar, a alegria das crianças e a paz regida pela harmonia do entendimento e a tranquilidade do lugar, alicerçava a felicidade do casal e da família. Toda esta boa rotina, bruscamente interrompida, deixou Vital desolado com um enorme vazio na sua vida. As saudades de sua amada esposa e de sua querida mãe deram causa a um grande sofrimento.

Em seu auxílio vem sua irmã Acácia (a quem doravante vamos chamar de Vidinha, apelido pelo qual era chamada e conhecida na família), casada com o engenheiro Manoel Guimarães Carneiro, que chegam ao Butantan com suas duas pequenas filhas adotivas, Alda (5 anos) e Alayde (4 anos), e passam a tomar conta das crianças e da casa do diretor do instituto, cuja prole contava 9 filhos: Vitalina, 19 anos; Alvarina, 17 anos; Mário, 16 anos; Vital Filho, 9 anos; Ary, 7 anos; Álvaro, 6 anos; Rui, 5 anos; Lygia, 3 anos e Oswaldo, 1 ano.



### Reconhecido internacionalmente

O Instituto do Butantan havia se tornado um centro de atração, visitado por turistas vindos de todas as partes do mundo, entre eles, especialmente interessados, figuras do mais alto nível cultural, e especialistas de outras instituições. Ernest Bresslau, Émile Brumpt, Marchoux, Theodor Roosevelt, Santos Dumont, o Rei Alberto da Bélgica, a rainha Elizabeth e o príncipe Leopoldo estão entre os vultos de projeção mundial que puderam testemunhar a excelência da instituição. Sobre sua visita, em 6 de abril de 1914, Rui Barbosa assim se expressou:

*É com sincero entusiasmo que exprimo a minha admiração para com esta casa, pelo que dela sei e acabo de ver. Felizes de nós, se a cultura geral do país e o progresso brasileiro estivessem na altura desta esplêndida instituição, honra do sábio que a dirige, dos homens de ciência que nela brilham, do povo que dela se desvanece e do governo que lhe tem compreendido o valor. Abril, 6, 1914. ass.: Rui Barbosa (Livro de visitas do Butantan).*

Em novembro de 1915, transmitido pelo Embaixador Americano, chega ao Diretor do Butantan um convite do “Carnegie Endowment for Peace” para que, como seu hóspede, assistisse o Congresso Científico

Pan-Americano, a reunir-se em Washington na última quinzena de dezembro.

Sobre o episódio, reproduzimos a notícia do *Jornal do Comércio*, de 19 de março de 1916, com o título *O Brasil no Congresso Científico Pan-Americano*, assinado pelo Dr. Rodrigues Dória.

*O Congresso Científico Pan-Americano reunido na cidade de Washington, em 27 de dezembro último e no qual estiveram presentes três médicos brasileiros, deu ensejo a que ficasse patente e conhecido da grande nação norte-americana, o valor das investigações médicas no Brasil, pelo trabalho apresentado pelo Dr. Vital Brazil, sobre o "Ofidismo" e principalmente por um acidente que o acaso forneceu, da mordedura de uma cascavel, acidente que veio firmar a importância e eficácia do soro antiofídico, preparado no Instituto Paulista de Butantan.*

*Os insucessos de outros soros antiofídicos, em vários casos, produzem tal ou qual descrença, mesmo no espírito dos profissionais em relação à eficácia terapêutica do contraveneno.*

*Estávamos em Nova York esperando o vapor para a volta ao Brasil quando no Bronx Park, o tratador das cobras fora mordido por uma cascavel do Texas, fato estranho, pois a dezessete anos esse homem lidava com os ofídios do parque, conhecendo o perigo de alguns. Fizeram-se aplicações do soro antiofídico de Calmette sem o menor benefício. Foi então que se lembraram da estada na cidade do Dr. Vital Brazil; o qual chamado levou pressurosamente seu soro que fez injetar no doente pelo médico do hospital onde fora internado o paciente.*

*A impressão então causada por esse acidente foi profunda e as referências da imprensa leiga ao fato, foram as mais lisonjeiras.*

*Ficou-se então sabendo nos Estados Unidos da América do Norte, que no Brasil há homens*

*trabalhadores e dedicados à ciência, obtendo do seu esforço brilhantes resultados. ....*

De fato, o *The New York Times*, por três vezes, nos dias 28 e 29 de janeiro e em 7 de fevereiro de 1916 tratou do assunto, esta última notícia inclui a informação do embarque do Dr. Ritol Brazil (sic), ocorrido no sábado dia 5 de fevereiro no navio Vauban. Antes de partir, em visita a John Toomey quase completamente restabelecido, ouvindo deste um comovido agradecimento por ter-lhe salvo a vida, respondeu-lhe: *O senhor não me deve nada, pelo contrário eu é quem lhe devo a grande oportunidade de testar e divulgar a eficiência do nosso soro.*

### **A Patente do Soro**

Seu devotamento à instituição que dirigia e seu caráter desprendido é bem demonstrado na carta datada de 12 de agosto de 1917, que Vital Brazil escreve ao Dr. Oscar Rodrigues Alves, Secretário do Interior do Governo do Estado de São Paulo, fazendo a doação da patente dos soros antipeçonhentos.

*Recebendo agora, por intermédio do Dr. Otávio Veiga a patente dos soros antipeçonhentos, que por inspiração de V. Excia. requeri e obtive, tenho a honra de oferecer-lhe, como Secretário do Interior, o direito de ser esta patente explorada no Instituto de Butantan em benefício do mesmo Instituto.*

*V. Excia. resolverá o melhor meio de legalizar a oferta que faço no empenho de ser útil ao estabelecimento que fundei, que tenho dirigido com dedicação e ao qual dei até hoje o melhor dos meus esforços.*

*Os meus estudos sobre ofidismo, começados antes de fazer parte de qualquer dos institutos de higiene do Estado e quando ainda clinicava em Botucatu, exigiram da minha parte uma série de sacrifícios e esforços, fora da esfera dos meus deveres de funcionário. Por que motivo, não tive vacilações em aceitar a sugestão de V. Excia, no sentido de requerer a patente, que ora ofereço como uma das colunas de*

*sustentação do estabelecimento, onde encontrei os meios materiais para a resolução do problema do ofidismo na América, resolução esta que constitui o principal motivo do renome de que goza o nosso Instituto e do seu progresso atual.*

*Fazendo votos para que os generosos intuítos encontrem à aceitação de V. Excia, tenho a honra de apresentar os protestos de minha elevada consideração.*

A resposta é datada de 25 de setembro de 1917:

*Tenho muita satisfação em responder à carta em que V. S. me comunica o desejo de oferecer ao Instituto de Butantan, a patente para o preparo de soros antipeçonhentos. É com especial agrado que aceito a oferta.*

*O Governo bem sabe aquilatar os sacrifícios e esforços que, há muitos anos e com o maior desprendimento, V. S. consagra ao estabelecimento que criou e qual devemos a resolução científica do problema do ofidismo, fato este de inestimável contribuição para tornar o nome do Brasil respeitado nos mais adiantados centros científicos estrangeiros, onde bem se aprecia o valor das pesquisas relativas a tão importante capítulo da patologia indígena.*

*A espontânea e desinteressada resolução de V. S. só merece aplausos e eu faço votos que o Instituto que tanto lhe deve, possa contar por muitos anos, com o valioso concurso de sua grande competência e sábia direção.*

*Apresentando a V.S. os agradecimentos do Governo do Estado, peço que receba os cumprimentos muito afetuosos, do amigo e colega. Oscar Rodrigues Alves. (Cópias em poder do Dr. Alexandre Canalini – Biógrafo de Vital Brazil)*

No afã de ser útil à causa pública, Vital Brazil organiza com seu talentoso auxiliar Augusto Esteves, uma coleção de murais destinados à educação sanitária do povo, que examinados pelo Dr. Oscar

Thompson, então Diretor Geral da Instrução Pública, resultou à ideia da criação no Butantan, de um curso destinado ao preparo dos professores e diretores de grupos escolares, em questões da saúde e utilizar a escola como elemento de educação sanitária. Em 1 de novembro de 1918, o jornal *O Estado de S. Paulo*, noticiava a conclusão do curso de Higiene Pública Elementar, pela primeira turma constituída de diretores de escolas normais, e grupos escolares.

### **A Saída do Butantan**

Em 21 de dezembro de 1916, o Dr. Arthur Neiva assumiu a chefia do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, em substituição a Emilio Ribas, um dos expoentes da medicina brasileira, que havia se aposentado após 18 anos à frente da saúde pública paulista.

Inteligente, dono de sólida cultura geral e político hábil, sabendo bem aquilatar o valor do nome e da importância do Instituto Butantan, o novo diretor do Serviço Sanitário resolveu empenhar-se na transformação deste em uma grande instituição produtora de medicamentos que sobrepujasse o Instituto de Manguinhos, almejando com isso se alçar a posição de herdeiro e continuador da obra de Oswaldo Cruz.

Tal atitude, violentava o diretor e fundador do Butantan, que avesso a política personalista partidária, e às disputas pessoais pelo poder, havia construído esse grande patrimônio da ciência a partir do respeito e do trabalho paciente, perseverante e desinteressado em favor da saúde pública e do bem comum, assim entendido e correspondido pelos maiores nomes da saúde no Brasil.

Sem contar com a aprovação de Vital Brazil, o chefe do Serviço Sanitário passou a tecer uma verdadeira trama política no sentido de alcançar seus objetivos, não se detendo sequer nas oportunidades que o impeliram a intervir diretamente no Instituto, dirigido por quem se recusava a tomar parte em competição pela chefia nacional da saúde pública e pelo comando da reforma sanitária.

Almejasse Vital Brazil qualquer cargo político, ou quisesse se alçar a algum posto de maior poder, certamente o teria conseguido, pois com o nome e a

reputação alcançada com seu trabalho, sendo primo do Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, certamente não lhe teriam negado um pedido se o tivesse feito. Não admitindo a interferência escusa e descabida desta autoridade do Estado, o Diretor do Butantan, em 1919 se afasta, desejando o bem e a continuidade da sua obra.

A introdução de mudanças no processo administrativo e a falta de continuidade nas administrações que se seguiram abalam a eficiência da instituição. Em 1924, o novo Governo do Estado convoca Vital Brazil que reassume o comando e reorganiza a instituição, trazendo de volta o brilho, o entusiasmo e a produção científica, permanecendo na direção até 1928, quando se afasta definitivamente por questões de saúde.

Sobre este episódio, transcrevemos abaixo alguns trechos extraídos do relatório de Vital Brazil quando do seu retorno ao Butantan em 1924:

*Tendo reassumido a direção do Instituto Butantan, em setembro do corrente ano [1924], mui pouco tenho a relatar do que constituiu propriamente o trabalho executado durante a minha administração.*

*Sobre os motivos que determinaram o meu afastamento [1919] que tantos comentários têm ocasionado, direi apenas que não foram de ordem compulsória, nem foram inspirados por quaisquer sentimentos de revolta contra a administração superior, como, por vezes, se tem assegurado.*

*De fato, tendo dirigido e orientado o Instituto, pelo largo espaço de vinte anos, ao que parece, a contento do público e do Governo, vi, de um momento para o outro, mudada a sua orientação, por quem tinha o direito de o fazer, pois ocupava o posto hierárquico superior. O Instituto não teria mais o caráter de estabelecimento exclusivamente oficial, destinado a auxiliar o Serviço Sanitário tanto na investigação de tudo quanto pudesse interessar à higiene, como no preparo dos produtos reclamados pela defesa sanitária. Seria transformado em uma fábrica, não*

*só de soros, vacinas e outros produtos biológicos, como também de solutos medicamentosos, pilulas, comprimidos, etc., com a verdadeira preocupação industrial da concorrência a outras fábricas. Para realização desse programa, foi feito, por ordem superior, um contrato comercial entre o Instituto e uma conhecida casa de armas em condições onerosíssimas para este estabelecimento, de nada valendo a justificada oposição do respectivo diretor.*

*Além desse erro, de gravíssimas consequências, para o futuro do estabelecimento, outro, de não menor alcance, era cometido à revelia da vontade e do parecer de quem até aquela data havia guiado com certa liberdade os destinos da instituição. Refiro-me à criação do Instituto de Veterinária, subordinado à direção da Indústria Pastoril da Secretaria da Agricultura, instalado nos terrenos do Butantan, e com a orientação científica do diretor deste estabelecimento.*

*Debalde procurei mostrar o erro de se criarem responsabilidades do diretor de Butantan, sem conferir-lhe autoridade alguma na direção do novo estabelecimento; em vão mostrei a inconveniência de colocar-se dentro do Butantan, uma repartição estranha e subordinada a uma Secretaria diferente daquela a que estava ligado o Instituto e da vizinhança de uma clínica de animais doentes, junto à cocheira e pastagens de animais destinados à produção de soros terapêuticos.*

*O erro foi levado a efeito, de nada valendo as advertências e bons conselhos.*

*O Instituto de Quinina Oficial, instalado em Butantan, com grandes dispêndios de máquinas, aparelhos e pessoal, sem audiência do diretor do estabelecimento, constituiu outro erro, grave, pela precipitação com que fora criado e instalado, tanto assim que não pode funcionar, por falta de matéria prima, sendo transformado à última hora em Instituto de Medicamentos Oficiais, que só produzia*

*uma pequena quantidade de óleo de quenopódio e que por inútil deixou de funcionar.*

*Diante da situação criada pelos erros acumulados, cuja enumeração acabo de fazer e de cuja responsabilidade não me poderia eximir facilmente, com a minha continuação à frente do estabelecimento, preferi afastar-me deixando o campo de ação completamente livre à autoridade que modificara tão sensivelmente a orientação do Instituto.*

*Não foram necessários mais do que cinco anos, para que a sucessão natural dos fatos corrigisse os erros apontados. O Butantan não tem mais contratos com a Casa Armbrust e a despeito de todos os esforços não conseguiram transforma-lo em um estabelecimento industrial. O Instituto de Veterinária foi transferido para lugar apropriado, fora do Butantan. Do Instituto de Medicamentos oficiais, que teve vida efêmera, só resta o edifício, e a parte do pessoal aproveitado em outras seções do Serviço Sanitário.*

*Antes de deixar a direção do estabelecimento em 1919, com a preocupação de não desorganizar o que havia criado, com grande antecedência, muitas e muitas vezes insisti sobre a conveniência de serem nomeados novos assistentes, em substituição dos que deviam deixar o serviço e bem assim de ser designado o meu substituto, para que eu pudesse passar-lhe a administração com o tempo necessário em ordem a ser guardada a mesma técnica, os mesmos métodos, quer no preparo dos soros e vacinas quer na administração da casa. Tudo baldado, as minhas solicitações nesse sentido, inspiradas, tão somente, no interesse do futuro e bom nome do estabelecimento, foram recebidas com frieza e respostas evasivas, procurando-se ocultar-me tudo quanto se passava em torno da minha substituição.*

*De sorte que a continuidade tão necessária nas administrações, tratando-se principalmente de estabelecimentos científicos, foi completamente esquecida ou propositalmente sacrificada.*  
(Vital Brazil – 1924.)

## **O Instituto Vital Brazil**

Deixando a direção do Butantan, em 1919, veio Vital Brazil para o Rio de Janeiro. Apesar de convidado por Carlos Chagas para trabalhar em Manguinhos, resolveu fundar um novo laboratório, por achar que o Brasil necessitava de um número maior de instituições científicas, onde o estudo e a pesquisa se ocupassem da solução de seus graves problemas.

Instado por seus mais chegados assistentes que o acompanhavam e com apoio do Dr. Raul Veiga, então Presidente do Estado do Rio de Janeiro, nasceu em Niterói o Instituto Vital Brazil. A Instituição apresentava um novo desafio, pois além da pesquisa e da preparação dos soros e vacinas, deveria criar uma linha de produtos para uso veterinário, realizar o serviço antirrábico, e os exames de saúde pública para o Estado do Rio. Nessas condições, a organização previu a comercialização de alguns produtos para dar sustento à parte científica, já que se tratava de uma iniciativa essencialmente particular.

Com seus assistentes, Dr. Dorival de Camargo Penteado, Dr. Octávio Veiga, Dr. Arlindo de Assis e o auxiliar Augusto Esteves, José Marques, Alvarina Brazil e Dinah Vianna foram iniciados os trabalhos do novo laboratório.

No grande terreno da olaria adquirido pelo Estado para abrigar a instalação do Instituto, só existia um pequeno e velho galpão coberto com folhas de zinco, que adaptado passou a abrigar os animais em imunização. A limitação de reduzidos recursos frente à necessidade de investimento, fez que com que essa equipe tivesse que se dedicar totalmente à nova instituição, sem escolher dia, hora ou serviço à ser realizado. Somente 3 anos mais tarde em 1923 com a construção de mais um pequeno galpão foi possível trazer o laboratório improvisado da rua Gavião Peixoto para a Travessa da Olaria.

Sobre esta fase do Instituto Vital Brazil (IVB), o eminente bacteriologista Dr. Arlindo de Assis assim se reportou no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Medicina.

*Estávamos agora em julho de 1919, na amena Niterói, ele a repetir o sortilégio da primitiva e longínqua fazenda paulistana, para ensinar, ao vivo, a lição fecunda de fazer prosperar ciência lídima num prédio adaptado, à rua Gavião Peixoto n° 360; e o seu único e jovem colaborador, envaidecido pelo chamamento do Mestre e transbordante de esperanças que a sede de um ideal multiplicava e robustecia.*

*No decênio que se seguiu, ainda labutando em instalações precárias e provisórias, mas já com responsabilidades públicas urgentes e graves, com sua linha de indagações científicas norteadas, suas reservas bibliográficas asseguradas e atualizadas, seu treinamento intenso de pessoal técnico e seu poder natural de atração sobre novas gerações de estudiosos, o Instituto Vital Brazil transformou-se numa forja de vocações e numa oficina de armamentos sanitários.*

*Despojado da grandiosidade aparente de traços arquitetônicos, que tanto comprazem as visões superficiais e desprovido, até do próprio conforto indispensável a arrostar as intempéries do nosso clima tropical, os pavilhões modestos de Vital Brazil aguardavam silenciosamente por dias melhores, como se sondassem o ânimo e a força espiritual dos seus levitas. Em compensação, não se mediam gastos para a concepção, para o andamento e para a conclusão dos seus planos de trabalho.*

*Em tal ambiente, materialmente árduo e penoso, mas, soberbo de ensinamentos à inteligência e à vontade, planara com superioridade e compreensão tranquila a figura alada do seu fundador.*

*Refugiado discretamente na singeleza das atitudes e na modéstia recatada do trato, Vital Brazil Mineiro da Campanha oferecia um surpreendente contraste com a vivacidade contagiante de tantos outros que se elevam da craveira comum, mas que, consciente ou inconscientemente, permitem adivinhar-lhes as paixões sutis por que orientam as ações ou a vida.*

*Com ele privei longamente, já na idade madura, quando seu temperamento sereno e generoso tornava fácil o entendimento dos homens e das coisas, sem deformar-lhes as perspectivas potenciais.*

*A solidez de suas realizações era função normal de uma imaginação predestinada, que soubera plasmar com a argamassa de sua experimentação judiciosa, que lograra destruir as interpretações oblíquas e tendenciosas e que, por fim, restara perpetuamente consagrada na prática redentora das tragédias causadas pelo ofidismo e por outros venenos animais, por ele banidas dos nossos mapas nosológicos.*

*Empolgado instintivamente pela filosofia da ação e retemperado pela meditação sobre a relatividade das vanglorias humanas, Vital Brazil era o protótipo do professor de energia, que praticava como convém, sem exibições, nem alardes, comunicando-lhes insensivelmente um feito ético.*

*No labirinto das questões sobre que era convidado a opinar ou resolver, era um fascinante exercício vê-lo descobrir, com seu bom senso ingênito, a ponta do fio misterioso cujo enovelamento gerava a confusão e a perplexidade, mas, que o seu engenho desfazia.*

*Assim se pode entender como lhe foi fácil retificar o conceito da unicidade da soroterapia anti-ofídica, que os seus descobridores sustentavam e que ele substituiu vitoriosamente pelo de uma pluralidade mais oportuna e regulada de acordo com as diferenças antigênicas entre as peçonhas das famílias e dos gêneros de serpentes afro-asiáticas e americanas (Pinheiros Terapêutico, julho-agosto de 1965, vol. 17, n° 85).*

Em 1938, já com reputação reconhecida em todo mundo científico, desejoso em dotar a instituição de recursos técnicos propícios ao desenvolvimento científico, Vital Brazil resolve contratar seu filho, Álvaro Vital Brazil, engenheiro arquiteto, para projetar e construir suas novas instalações. O trabalho do competente engenheiro resultou em um prédio

projetado especificamente para ser ocupado por laboratório de pesquisa e produção, dotado dos mais atualizados recursos, onde nenhum detalhe técnico foi omitido. Iluminação, ventilação, assepsia, foram alguns dos inúmeros detalhes que fizeram do projeto único e mais moderno laboratório da América do Sul, inaugurado no dia 11 de setembro de 1943, na presença do Presidente da República e grande número de autoridades.

Fotografia 4  
Instituto Vital Brazil – 1943,  
fachada do laboratório



Neste dia, em seu discurso Vital Brazil assim se expressou:

*(...) O Instituto Vital Brazil, por sua organização é único no âmbito nacional. É um estabelecimento científico, tendo a seu crédito trabalhos de valor e de acentuada projeção social. Possui duas revistas das quais uma destinada, exclusivamente, ao registro de trabalhos originais, realizados em seus laboratórios e outra de vulgarização científica. Mantém na sua sede o serviço antirrábico inteiramente gratuito para os pobres. Responde a consultas de ordem técnica e científica, contribuindo assim para a elevação educacional em matéria de higiene e defesa sanitária humana e animal. Tem no seu programa a organização de vários cursos de aperfeiçoamento.*

*Se vende os produtos que fábrica, tem nesse fato um dos maiores motivos de apreço, porque assim, não só presta serviço ao público, à classe médica e às autoridades; como obtém os meios de sustentação, evitando ser pesado aos cofres públicos, antes contribuindo para estes, com vultosa quantia. (...)*

A seguir, faz o cientista detalhado relato sobre os principais produtos do IVB, ressaltando a importância da produção das vacinas contra raiva, a febre tifóide, e a difteria. Os soros antiofídicos, contra a peste bubônica, a disenteria, a difteria e o tétano. Para uso animal, as vacinas contra a aftosa, o carbúnculo e a peste suína.

Nos seus laboratórios, jovens estudiosos encontraram os meios e a orientação técnica para se iniciarem na carreira da pesquisa científica alcançando alguns deles a notoriedade pela própria competência. Salvo algum lapso de nossa parte, foram eles: Miguelote Vianna, Vital Brazil Filho, Américo Braga, Rui Vital Brazil, Ortiz Pato, Luiz Tavares de Macedo, Romero Cunha, Oswaldo Vital Brazil, Victor de Brito, Rui Barroso, Jorge Vieira e Roched Seba.

Com o acontecimento da Segunda Grande Guerra, a gigantesca indústria farmacêutica norte-americana, custeada pelo esforço de guerra, não só desenvolveu novos medicamentos com também novos métodos de produção, o que lhes garantiu uma enorme superioridade mundial nesta área. Foi nessa condição que em 1945, com o término das hostilidades, para sobreviver, viu-se o gigante americano com a opção da conquista de novos centros de consumo ou da redução drástica das suas linhas de produção de fármacos e quimioterápicos.

Nestas condições, o Brasil tornou-se um dos desejados centros que poderiam e deveriam ser conquistados. Entre 1945 e 1955, grandes organizações aqui aportaram, adquirindo ou se associando aos estabelecimentos mais tradicionais, conquistaram por completo o espaço e o mercado farmacêutico brasileiro. A ação puramente de interesse comercial, com fartura de recursos e modernidade empresarial não encontrou nenhuma resistência aos seus objetivos.

Fotografia 5  
Vital Brazil, 1943



Fotografia 6  
Professora Dinah  
Carneiro Vianna

Aos poucos foi sendo implantada a indústria da doença em nosso país, políticos desavisados foram incentivados a investir na construção de grandes hospitais, no visível e no imediato, em detrimento do indispensável investimento no saneamento básico, na educação, na política sanitária e nas nossas fontes de pesquisa, garantindo assim uma população cada vez mais carente e menos saudável.

O IVB, resistiu a algumas investidas, fiel ao seu primeiro compromisso com a pesquisa científica e produção de biológicos, seus acionistas liderados por Dinah Brazil, viúva do cientista, não abriu mão do compromisso da continuidade dos objetivos sociais assumidos na sua criação, o que inviabilizava qualquer negociação com os interessados apenas no comércio e no lucro.

Em 1956, ameaçado de fechar as portas, com imenso prejuízo acumulado nos 10 últimos anos, foi o IVB encampado pelo governo estadual, que assim garantiu a continuidade dos seus fundamentos sociais.

### **O Segundo Casamento**

Dinah Carneiro Vianna nasceu em Santos, em 22 de junho de 1895, foi criada em Paranaguá de onde procede a sua tradicional família. Era filha de Paulo Guajará Vianna e de Aidée Guimarães Carneiro, neta paterna de Félix Bento Vianna e Maria Luiza

Auben, neta materna do Comendador Manoel Ricardo Carneiro e de Dêlfica Guimarães, esta última filha de Manoel Antônio Guimarães - Visconde de Nácar.

Convidada para trabalhar na nova instituição por indicação de seu tio, Manoel Guimarães Carneiro, a professora Dinah Carneiro Vianna, chegou a Niterói em 1919, de Curitiba, Paraná, com sua avó Delfica e quatro de seus cinco irmãos.

A sobrinha do cunhado de Vital Brazil foi designada para o cargo de inspetora, com as obrigações de inspecionar e supervisionar o processo de embalagem e acondicionamento dos produtos acabados. A fibra, a disposição para o trabalho e a dedicação com que se empenhava na sua nova função chamou a atenção de Vital que logo se apercebeu da presença e da formosura da sua nova auxiliar.

Viúvo há seis anos, sempre muito apegado aos filhos e à família, vivendo entre a casa administrada pela irmã Vidinha e o laboratório, não era raro Vital se sentir muito só.

A aproximação de Dinah despertou em ambos o prazeroso sentimento de bem-estar, confiança mútua e atração fraternal. O namoro aconteceu e o casamento civil com Dinah foi realizado em 1 de setembro de 1920, em casa da noiva, na Praia de Icaraí 457.

Quis o destino aproximar estas famílias, propiciando um entrelaçamento cada vez maior, como

Fotografia 7  
Vital Brazil e Dinah, 1920



se estivessem a se completar nas suas necessidades afetivas. “A casa” que abrigava nove filhos de Vital, mais duas sobrinhas adotadas pelo casal Carneiro Vidinha, recebia mais quatro jovens sobrinhos de Manoel Carneiro, todos com equivalência etária. Manoel com 17 anos, Luiz com 14 anos, Dinorah com 13 anos e Dorah com 11 anos passaram a pertencer a uma só família.

### **Epílogo**

O fato de ter, partindo do nada, organizado e construído dois grandes Institutos de Medicina Experimental, coloca Vital Brazil em posição única na história da ciência.

Da importante obra do cientista, constam mais de cem trabalhos publicados nas mais diversas revistas especializadas, reconhecidos internacionalmente por sua qualidade técnica e também pela clareza e exatidão das informações transmitidas pelo autor.

A realização desse imenso trabalho só foi possível a partir da colaboração dedicada de seus assistentes, técnicos do mais elevado nível, homens de ciência de reconhecido valor reunidos por Vital Brazil, que com elevado espírito de justiça, austeridade, dedicação e competência, os inspirava e orientava no prosseguimento da pesquisa em ambiente de respeito mútuo, confiança e amizade fraterna.

Por duas vezes constituiu família, a primeira em 1892, logo após sua formatura casou com Maria da Conceição Philipina de Magalhães, sua prima em terceiro grau, com quem teve 12 filhos, dos quais apenas 9, já nomeados, chegaram a idade adulta.

Viúvo em 1913 casa-se novamente em 1920, com Dinah Carneiro Vianna, com quem teve mais 9 filhos: Acácia em 1921, Isis 1922, Eliah 1923, Enos 1924, Horus 1926, Ícaro 1927, Eglon 1929, Lael 1931 e Osiris 1935. Osiris nasceu em 26 de abril, dois dias antes do cientista completar 70 anos de idade. Ao todo, 18 filhos chegaram a idade adulta, nove do primeiro e nove do segundo casamento. Seis homens e três mulheres de cada um deles.

Faleceu Vital Brazil, aos 85 anos, no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1950, legando ao povo

brasileiro esta gigantesca obra, sólido patrimônio da ciência nacional, reconhecida e respeitada em todos os centros científicos do mundo.

Homem íntegro, amante da verdade, dotado de excepcional inteligência, autodeterminação e força de vontade, desprovido de vaidade e desapegado aos bens materiais, teve um sentimento maior: *O desejo de servir ao seu semelhante, ao seu país e à humanidade.*

### Referências

- Brazil LV. *Vital Brazil: Vida e Obra 1865-1950*, Instituto Vital Brazil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vital Brazil Mineiro da Campanha: uma genealogia brasileira*, 1996.
- Brazil OV. *Contribuição para a história da ciência no Brasil*. Minas Gerais: Casa de Vital Brazil, 1989. 132 p.
- Brazil V. *A Defesa Contra o Ophidismo*. São Paulo, Editora: Pocaí & Weiss 1911.
- \_\_\_\_\_. *Memória histórica do Instituto Butantan*. São Paulo: ElvinoPocaí, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Autobiografia* - inacabada, não publicada.
- \_\_\_\_\_. *Funções do Baço*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1892.
- Casadei A. *Notícias Históricas da cidade da Campanha*. Niterói: Serviços Gráficos Impar, 1987.
- Casadei, TO, Casadei A. *Aspectos históricos da cidade da Campanha*. Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1989.
- Esteves A. *Ilustração*. (Coleção de desenhos a bico de pena). 1965.
- Esteves R. *Fotobiografia de Vital Brazil* [tese datilografada].
- Goyanna, C. *Vital Brazil e as Serpentes*, discurso proferido pelo 40º aniversário da turma de 1904 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia, LX, nº5, 1950.
- Guimarães JAB. Efemérides Itajubenses In: *História de Itajubá*, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1987

- Lefort MJDP. *Cidade da campanha*: monografia histórica. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1972.
- Portugal HF. *Documentário do Governo de Minas Gerais*, Edição Comemorativa do Centenário de Vital Brazil, 1965.
- Vaz E. Vital Brazil. *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, LX, nº 5, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos da história do Instituto Butantan: seu desenvolvimento*. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Hidra de Lerna: lenda e realidade*. Oficinas Gráficas de Saraiva, 1954.

Data de Recebimento: 29/06/2015

Data de aprovação: 14/08/2015